

ROCHA, Luiz Felipe Ferreira da. A vibração do mito e as pulsações do corpo dançante. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestrando em Artes Cênicas; UFRN; Orientadora: Larissa Kelly de Oliveira Marques Tibúrcio. Bolsista CAPES; Bailarino, coreógrafo e diretor artístico da Aviva Cia de Dança.

RESUMO

O homem diante do abismo, talvez esta seja metaforicamente a imagem que melhor represente a relação do ser humano com a existência. Quem eu sou? De onde eu vim? Para onde eu vou? São questões que ecoam diante do mistério desde tempos imemoriais, e das quais as respostas nos soam o próprio mistério. É este mistério, que quando encarnado, se faz religião, se faz rito, se faz arte, se faz mito, e é justamente dessa encarnação, da qual discorrem tantas nascentes, que se busca tecer este escrito. Trata-se de um estudo que debulha algumas reflexões acerca da condição humana a partir de um olhar lançado sobre o mito de Adão, bem como da disposição em fazê-lo dança, nos convidando a pensar sobre a relação existente entre a arte e o mito na contemporaneidade, como campos do saber abertos à criação, como espaços semânticos capazes de atribuir novos sentidos ao vivido por meio das pulsações de um corpo que é mito e que é dança.

PALAVRAS-CHAVE: Mito adâmico: Dança: Corpo.

ABSTRACT

A man facing an abyss, perhaps this is metaphorically the image that best represents the relationship of humans with existence. Who am I? Where did I come? Where do I go? Issues that resonate in mystery since time immemorial, and which answers sound the mystery itself. This mystery, when incarnated, becomes religion, ritual, art, myth, and it is precisely from this incarnation that emerge this article. This is a study that presents some reflections on the human condition, extracted from a look to the myth of Adam, as well as the willingness to do it dance, inviting us to think about the relationship between art and myth in contemporary times, as fields of knowledge opened to creation and semantic spaces able to assign new meanings to the experience through the pulsations of a body that is myth and dance.

KEYWORDS: Adamic myth: Dance: Body.

Um homem diante do abismo, talvez esta seja metaforicamente a imagem que melhor represente a relação do ser humano e a existência. Quem eu sou? De onde eu vim? Para onde eu vou? São questões que ecoam diante do mistério desde tempos imemoriais, e das quais as respostas nos soam o próprio mistério. Mistério este, que quando encarnado se faz religião, se faz

rito, se faz arte, se faz mito, e é justamente dessa encarnação, da qual discorrem tantas nascentes, que escorre este escrito.

O mito, resposta corporal, visceral, às interrogações existenciais lançadas às margens do abismo, se caracteriza como fecunda fonte de conhecimento do humano, esboçando àqueles que sensivelmente se disponibilizam a compreendê-lo, infinitas possibilidades de leitura do ser, do corpo, e de sua relação com o mundo, com o sagrado, bem como uma leitura das noções que orientam tais relações.

Para Joseph Campbell, a mitologia é a canção do universo, é “a música da imaginação, inspirada nas energias do corpo” (2002, p.23). O autor nos propõe um mito que emerge de um solo comum, do inconsciente coletivo, ou seja, um mito nascente daquilo que o psiquiatra suíço C. G. Jung (1982) nomeia de arquétipos, que são nada menos que estruturas e imagens comuns a toda a humanidade e constituintes de uma camada do inconsciente. Tais estruturas se manifestam expressivamente nos sonhos, mitos e religiões, de forma que para Jung (1986), a mitologia, como um todo, pode ser tomada como uma espécie de projeção do inconsciente coletivo.

Mircea Eliade (1972), um dos mais influentes historiadores e filósofos das religiões da contemporaneidade, dedicou uma atenção especial à mitologia, seus escritos nos levam a compreensão de um mito “vivo”, dotado da capacidade e função de oferecer modelos de conduta humana, atribuindo então, dessa maneira, significação e valor à existência. “O mito, portanto, é um ingrediente vital da civilização humana” (p. 23).

Nessa perspectiva, a mitologia é contemplada, não como uma evasão da realidade, fábula, ou fantasia, mas uma realidade viva, uma via através da qual nos situamos no mundo e atribuímos-lhe sentido.

Reconhecer o mito como realidade viva, aberta, que situa o ser humano no mundo e permite que este lhe atribua sentido, perceber a dimensão pedagógica que faz do mito um manancial de sabedoria para a vida, abarcando pulsações que postulam variadas orientações e formas de se mover no mundo, é fundamental para que possamos compreendê-lo como fenômeno e como presença, bem como identificarmos sua importância na estrutura da vida humana.

O filósofo francês Merleau-Ponty, ao discutir questões relacionadas ao espaço, critica as tentativas de nivelamento de todas as experiências em um único mundo, ou de todas as modalidades existenciais em uma única consciência, pois para tanto, nos seria necessário uma superior instância, capaz de desnudar um “eu” mais íntimo do que o “eu” que pensa sobre seu sonho, e sobre sua percepção. Uma instância capaz de possuir a substância verdadeira do sonho, da percepção, enquanto o que temos é apenas sua aparência. Para o filósofo: “O mito considera a essência na aparência, o fenômeno mítico não é uma representação, mas uma verdadeira presença” (1994, p. 389), tal como a alma está presente em cada singular parte do corpo, pois toda “aparência” é uma encarnação. Para o referido pensador, a criação do

mito é atribuída ao estreitamento do espaço vivido, ao enraizamento das coisas em nosso corpo, a vertiginosa proximidade do objeto, a solidariedade entre o homem e o mundo, recalcada pela percepção de todos os dias ou pelo pensamento objetivo, e que a consciência filosófica reencontra (IDEM, 1994).

O filósofo nos orienta que:

Para saber o que significa o espaço mítico ou esquizofrênico, não temos outro meio senão despertar em nós, em nossa percepção atual, a relação entre o sujeito e seu mundo que a análise reflexiva faz desaparecer. É preciso reconhecer, antes dos “atos de significação” do pensamento teórico e tético, as “experiências expressivas”; antes do sentido significado, o sentido expressivo; antes da subsunção do conteúdo à forma, a “pregnância” simbólica da forma no conteúdo (MERLEAU-PONTY, 1994, p.391).

Sob esta referência, Nóbrega (1999) nos esclarece que é preciso reconhecer, antes do pensamento teórico ou da significação, o sentido expressivo presente no mito, assumindo a ligação primordial e transversal entre objetividade e subjetividade, entre a consciência, o corpo e sua expressão na linguagem.

Merleau-Ponty ainda nos esclarece que:

Sem dúvida, a consciência mítica não é consciência de coisa, quer dizer, do lado subjetivo ela é um fluxo, não se fixa e não se conhece a si mesma; do lado objetivo, ela não se põe diante de si termos definidos por um certo número de propriedades isoláveis e articuladas umas às outras. Mas ela não se arrebatava a si mesma em cada uma de suas pulsações, sem o que ela não seria consciência de coisa alguma. Ela não toma distância em relação aos seus noemas, mas se passasse com cada um deles, se não esboçasse o movimento de objetivação, ela não se cristalizaria em mitos (MERLEAU-PONTY, 1994, p.392-393).

O filósofo lança um olhar crítico ao pensamento moderno, que se recusa a tornar o espaço geométrico imanente ao espaço mítico, negando-se a situar a experiência como verdade no que rejeita a submissão de toda experiência a uma consciência absoluta da própria experiência, pois esta compreendida como verdade se tornaria incompreensível em sua variedade. Para o filósofo, “a consciência mítica é aberta a um conjunto de objetivações possíveis” (1994, p.392).

É justamente levando em consideração essa possibilidade, no que diz respeito às objetivações possíveis, que a Aviva Cia de Dança se lançou à criação de uma obra artístico-coreográfica em dança contemporânea a partir do mito de Adão, intitulada de “A Carne que Sou”. A supracitada companhia foi criada no ano de 2008 e tem como objetivo a formatação de trabalhos artísticos conceituais em dança contemporânea, que entrelaçam a teologia, a filosofia, o corpo, e os saberes nele enraizados. Embora não venhamos, neste escrito, a nos debruçar especificamente sobre a criação da obra, refletimos a partir dela sobre essa dimensão sensível do corpo, que nos possibilita participar do espaço mítico e constituí-lo como espaço potencial para a criação artística em dança. Propomos assim uma dança que ecoa do mistério, que emerge das profundezas no corpo, e que a partir do mito, traz à superfície o humano e o seu mundo, suas relações. Nessa perspectiva entendemos que a experiência estética, que se torna também aqui uma experiência mitológica, pode convergir

em interessantes reflexões epistemológicas para se repensar a existência de forma poética.

Faz-se necessário, portanto, explicar aqui o que compreendemos por experiência estética.

A vivência estética é a experiência da beleza, da sensibilidade, da descoberta de sentido na vida cotidiana. Compreender a experiência estética e vivê-la plenamente é, portanto, poder abrir novos caminhos para a compreensão não-fragmentada da existência humana (...) (PORPINO, 2006, p.19).

Dufrenne (1998, apud PORPINO, 2006) afirma que somos sedentos pelo belo, na mesma medida da nossa sede em sentirmo-nos no mundo. Não se trata de um belo que se cristaliza em uma determinada ideia ou modelo, reduzido ao gosto exclusivo do sujeito, mas de um belo que “precisa ser experimentado, vivido, solicitando; assim, a sensibilidade, como um convite à contemplação” (NÓBREGA, 2010, p.89).

É diante da beleza de Adão que nos colocamos a contemplá-la, e num empréstimo mútuo, nossos corpos a percorrem, bem como somos por ela percorridos. Um elo se estabelece na dimensão estética entre mito e corpo, e se aprofunda ao passo em que fazemos disso dança, numa conversão de beleza em beleza. Nesse investimento artístico, no qual Adão é inspiração, tornamo-nos emissários de suas centelhas de mensagens, que estalam em corpos abrasados pela sensibilidade. Não se trata de uma dança atada à representação linear da narrativa mítica, mas de uma dança empenhada na criação de emblemas e disponibilização de diferentes possibilidades de comunicação e sentidos.

Compreendemos que:

A sensibilidade estética é um desdobramento da análise perceptiva de Merleau-Ponty, considerando os aspectos do corpo, do movimento e do sentido como configuração da corporeidade e da percepção como instrumento de apreensão (interpretação) e criação dessa linguagem; considerando as referências feitas pelo filósofo às artes, especialmente à pintura, como possibilidade de se ampliar a linguagem, de aproximá-la da vida do homem, do corpo; considerando também a crítica ao racionalismo, à causalidade e à lógica linear, afirmando os paradoxos, o inacabamento, a reversibilidade, o simbolismo do corpo, como elementos da corporeidade, revelando a abertura aos infinitos olhares possíveis sobre a realidade concretizados na experiência estética (NÓBREGA, 2010, p.90).

A dança é capaz de expressar, não apenas essa dimensão estética, mas esse elo estabelecido entre corpo e mito, na pluralidade de significados do corpo dançante e em suas pulsações, possibilitando o nascimento de uma atitude poética do mesmo, e que através de um diálogo intercorporal, é vivida tanto pelo dançarino, quanto pelo apreciador. E é nessa perspectiva que tratamos a dança nessa pesquisa, ou seja, como uma possibilidade para se ampliar a linguagem e de aproximá-la do corpo, estando o seu sentido no próprio corpo que dança e na retomada constante de sua vida, bem como no corpo do outro, que aprecia nos movimentos executados o seu próprio corpo a dançar (PORPINO, 2006).

É no logos do mundo estético que a dança ecoa seus sentidos, revela a corporeidade, a dimensão sensível do corpo e seus afetos, um ser humano cultural e histórico que se move no mundo, criando e recriando, comunicando em sua expressividade. No que diz respeito a esse logos estético, faz-se interessante saber que nele:

(...) realiza-se, desse modo, a leitura da dimensão poética e plástica do corpo em movimento e da percepção. Trata-se de uma nova possibilidade de leitura do real e da linguagem sensível, procedendo-se pela reversibilidade dos sentidos (NÓBREGA, 2008, p.143).

Recostados sobre esse entendimento é que nos lançamos às aventuras da criação artística em dança contemporânea, pois dentre a profusão de possibilidades do dançar, esta nos garante o necessário espaço ao corpo. Consideramos que é nele, no corpo, que o sentido da dança deve ser lido, uma vez que é a partir dele que ela acontece, ao passo em que ele mesmo se acontece nela. Para que alcancemos nossos objetivos de estudo, o corpo é de fundamental relevância à criação, temos que lhe dar ouvidos. A dança contemporânea, em sua filosofia, cativa sua atenção e solicita a sua ativa participação, abrindo o palco para a manifestação de valores sociais, culturais, políticos e conteúdos simbólicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

CAMPBELL, Joseph. MOYERS, Bill D. FLOWERS, Betty S. **O poder do mito**. 20. edição. São Paulo: Palas Athena, 2002.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

JUNG, C. G. **Símbolos da transformação**. Petrópolis: Vozes. 1986.

JUNG, C. G. **Aion** : estudos sobre o simbolismo. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

NOBREGA, Terezinha Petrucia da. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

----- **Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty**. *Estudos da Psicologia* [online]. 2008, vol. 13, n. 2, pp. 141-148.

----- **Para uma teoria da corporeidade**: um diálogo com Merleau-Ponty e o pensamento complexo. 1999. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba.

PORPINO, Karenine de Oliveira. **Dança é Educação**: Interfaces entre corporeidade e estética. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2006.